

Reprodução



Benjamin Steinbruch: 'Vamos resolver de uma vez por todas a alavancagem da CSN'

Logística e Infraestrutura - inclui terminais portuários no Rio de Janeiro e a ferrovia Transnordestina.

CSN Cimentos - dedicado à produção e comercialização de cimentos, com planejamento de reestruturação de ativos.

CSN LLC - distribuição baseado nos EUA, atendendo portos como Houston e Filadélfia com produtos siderúrgicos.

Energia - atuação em energia para suprir as necessidades operacionais do Grupo

O plano de desalavancagem

Em todo o processo de domínio da CSN, a dívida do Grupo, crescente ao longo dos anos, sempre assombrou Steinbruch e amedrontou o mercado. Tanto é que o projeto anunciado, na semana passada, foi recebido com ceticismo por uma parte dos especialistas, em virtude de outros anúncios feitos sem o resultado esperado. Os papéis da empresa tiveram queda na Bolsa de Valores no dia da apresentação do plano e depois se recuperaram.

“Vamos resolver de uma vez por todas a alavancagem da CSN. Nunca nos comprometemos de maneira tão objetiva e pragmática para que isso ocorresse”, argumentou Steinbruch

Entre as medidas, está a possibilidade de venda, a curto prazo, da CSN Cimentos e de uma parte da CSN Infraestrutura. A previsão, segundo a empresa, é de que os acordos vinculantes sejam concluídos até o quarto trimestre deste ano. Foram contratados assessores financeiros para cuidarem das transações.

Já a CSN Infraestrutura, que terá uma parte colocada à venda, reúne ativos ferroviários, portuários e multimodais considerados estratégicos para o escoamento de commodities no país.

A operação entre a MRS e a CSN Mineração, que aumentou sua participação acionária na empresa de logística, foi um dos passos para a desalavancagem. Na verdade, as duas operações foram feitas entre companhias do mesmo grupo. A CSN Mineração comprou as ações que a CSN possuía na MRS.

Antonio Cruz/Agência Brasil



O resultado representa queda de 34% em relação a 2024

## Brasil é o país que mais mata trans e travestis

### Número de assassinatos chegou a 80 no ano passado

Da Redação

O Brasil segue em primeiro lugar no ranking de países que mais matam pessoas transexuais e travestis no mundo, com 80 assassinatos registrados em 2025. Os dados são da última edição do dossiê feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), lançado nesta segunda-feira (26).

O resultado representa queda de cerca de 34% em relação ao ano anterior, que registrou 122 crimes desse tipo, porém não tira o país do topo do ranking, posição que ocupa há quase 18 anos.

Para a presidente da Antra, Bruna Benevides, os dados são resultado de um sistema inteiro que naturaliza a opressão contra pessoas trans.

“Não são mortes isoladas, revelam uma população exposta à violência extrema desde muito cedo, atravessada por exclusão social, racismo, abandono institucional e sofrimento psicológico contínuo.”

Os dados para o dossiê foram coletados a partir do monitoramento diário de notícias, denúncias diretas feitas às organizações trans e registros públicos. Para Benevides, essa situação já evidencia uma violência: se a sociedade civil não fizer esse trabalho, as mortes simplesmente não existem para o Estado.

Em 2025, Ceará e Minas Gerais foram os estados com o maior número de assassinatos, sendo oito cada. Ao todo, a violência segue concentrada na Região Nordeste que registrou 38 assassinatos, seguido pelo Sudeste com 17, o Centro-Oeste com 12, o Norte com sete e o Sul com seis.

Levantamento feito pela Antra, que contabilizou o período de 2017 a 2025, mostrou o estado de São Paulo como o mais letal, registrando 155 mortes. O estudo revelou que a maioria das vítimas é de travestis e mulheres trans, predominantemente jovens, com maior incidência na faixa etária entre 18 e 35 anos, sendo pessoas negras e pardas as principais atingidas.

O dossiê aponta ainda que, por mais que os assassinatos tenham diminuído, houve aumento no número de tentativas de homicídio, o que significa que a queda de 34% em relação a 2024 não se traduz de fato em regressão da violência.

Em análise no dossiê, a Antra diz que esse cenário é explicado por um conjunto de fatores como subnotificação, descrédito nas instituições de segurança e justiça, retração da cobertura da mídia e ausência de políticas públicas específicas para o enfrentamento da transfobia - crime de preconceito, discriminação e hostilidade direcionados a pessoas transgênero.

**Cartão Uniforme Escolar.**  
Feito na medida certa  
para 442 mil estudantes  
das escolas públicas.

# Educação